

RESERVA DE MERCADO DE INFORMÁTICA

O ESTADO DA ARTE

*"A resposta é sim.
Mas qual era mesmo a pergunta?"
Woody Allen*

• **ANTONIO CARLOS M. MATTOS**

Professor do Departamento de Informática e Métodos Quantitativos da EAESP/FGV.

• **HERALDO VASCONCELLOS**

Responsável pela chefia do Serviço de Documentação da Biblioteca Karl A. Boedecker da EAESP/FGV.

O surgimento da idéia de reservar o mercado brasileiro de computadores para os fabricantes de informática deu-se nos inícios dos anos setenta. Multinacionais como Burroughs, IBM, Olivetti, HP, etc. não mais poderiam fazer concorrência com as indústrias nacionais, o que possibilitaria o crescimento e fortalecimento dessas. Após algum tempo (até 1992, que aparentemente é o prazo de vigência da Lei de Informática), essas empresas já estariam em condições de concorrer com as multinacionais, e o mercado poderia então ser reaberto. Durante esse prazo, seria desenvolvido um know-how genuinamente nacional e o país se tornaria tecnologicamente independente na área de informática.

Para justificar a proposta de reserva do mercado, foram citados os casos japonês e americano, como exemplos bem sucedidos de protecionismo. A Elebra tem mesmo usado esse argumento em sua propaganda, cujo texto, do General Ulysses S. Grant, Presidente dos EUA em 1870, é reproduzido abaixo:

"Senhores: Durante séculos, a Inglaterra usou o protecionismo, levado a seus extremos, o que lhe proporcionou resultados satisfatórios. Não

há dúvida de que a esse sistema deve seu poderio atual. Depois de dois séculos, a Inglaterra achou conveniente adotar o livre-câmbio, por considerar que a proteção já não mais podia dar resultado. Pois bem, senhores, o crescimento de minha pátria me faz acreditar que, dentro de duzentos anos, quando a América do Norte houver obtido, do regime protetor, tudo o que ele lhe pode dar, adotará o livre-câmbio".

Para a consecução dessa nova política industrial, o governo criou um organismo constituído por coronéis do Serviço Nacional de Informações – atual SEI – o que despertou logo a ira de alguns setores liberais da classe empresarial⁽³⁸⁾.

A idéia logo teve acolhida por setores da sociedade que, embora não entendendo de Política Industrial⁽²²⁾⁽²³⁾, ficaram sensibilizados com palavras de ordem tais como "A informática é nossa", "O mercado é um patrimônio nacional", "Abaixo as multinacionais sanguessugas" e outras do gênero.

Tal trabalho de conscientização (lobby) foi eficientemente realizado por várias entidades ligadas ao setor de informática, como a Abicomp (defende os interesses dos fabricantes de computadores nacionais), a SBC (representa os professores universitários de informática), a APPD (sindicato não-oficial dos técnicos de computação), etc. Uma exposição das teses defendidas pelos líderes do movimento pró-Reserva pode ser encontrado nas publicações da Abicomp⁽³⁶⁾⁽³⁷⁾, em Machline⁽³⁵⁾, Setúbal⁽³⁴⁾ e Benakouche⁽³¹⁾; vários desses artigos foram exposições feitas pelos seus autores nos "hearings" do Congresso Nacional (seus membros precisavam ser informados sobre as idéias básicas da Reserva, tendo em vista a futura aprovação da Lei da In-

formática, hoje em vigor). Naturalmente, nem todos aceitam tais argumentos como válidos⁽⁴⁾⁽¹⁴⁾⁽¹⁹⁾⁽²¹⁾⁽²⁶⁾⁽²⁷⁾⁽³²⁾.

Entretanto, com o passar dos anos, os consumidores foram percebendo que a tão sonhada independência tecnológica, se viesse, ainda iria demorar bastante, pois o que se via no mercado eram cópias dos microcomputadores fabricados nos EUA⁽²⁾, algumas até fraudulentas⁽²⁰⁾. Além disso, havia ainda três agravantes:⁽³⁸⁾ qualidade bem inferior;⁽³⁷⁾ de três a dez vezes mais caros que os estrangeiros;⁽³⁵⁾ obsoletos, já havendo modelos mais recentes lançados no mercado internacional.

Naturalmente, isto não deveria ser novidade para o consumidor brasileiro, pois, em outros setores, as coisas não são tão diferentes. Por exemplo, a qualidade dos eletrodomésticos nacionais é flagrantemente inferior aos equivalentes "importados"; o automóvel nacional possui uma transmissão obsoleta há mais de vinte anos (nos EUA os carros são hidramáticos); além disso, são pelo menos três vezes mais caros que os consumidos no exterior.

Mas o maior problema para o usuário nacional não é propriamente o preço alto ou o obsoleto dos equipamentos, mas sim sua qualidade. De fato, até mesmo os computadores americanos apresentam falhas. No entanto, enquanto lá estas são rapidamente sanadas, aqui a assistência técnica é um verdadeiro calvário⁽¹⁾, já que o fabricante se interessa apenas em vender e, como vende bem, não se preocupa com a qualidade (um deles chegou mesmo a afirmar: "para que ter despesas com controle de qualidade, se tudo o que fabrico eu vendo?").

Dada a importância do microcomputador para as empresas nacionais em geral, e a possibilidade de melhores opções externas, o contrabando logo começa a crescer, chegando mesmo, segundo se diz, a haver um micro "importado" para cada nacional vendido⁽³⁾⁽¹²⁾⁽¹⁶⁾⁽²⁵⁾.

Dessa feita, não obstante já haver a Reserva logrado produzir bons resultados, embora incipientes⁽²⁴⁾⁽²⁹⁾, as críticas começam a aumentar, tendo partido até mesmo de seus antigos defensores⁽⁵⁾⁽¹⁵⁾. E os objetivos maiores de independência tecnológica parecem ficar cada vez mais distantes⁽¹⁰⁾⁽³⁰⁾, o que a rigor não é grande novidade, pois a infra-estrutura essencial para tal desenvolvimento – a Universidade – encontra-se de há muito em frangalhos.

Nessas circunstâncias, pretender concorrer com as multinacionais do setor em futuro próximo, quando acabar a Reserva, só pode ser mais um sonho tropical⁽⁹⁾⁽¹⁷⁾. Claro que a SEI, acuada, nega tudo isto⁽²⁸⁾, mas o fato é que os investidores também estão a perder a fé na Reserva⁽¹⁸⁾. E sem capital não há trabalho. Pelo menos

remunerado.

Mas existe ainda uma outra desilusão da Reserva: o software (programas necessários para fazer funcionar o equipamento). Excluídos alguns casos bem-sucedidos (Sistemas de Contabilidade, Folhas de Pagamento e Automação Bancária), nada muito útil se fez, a não ser copiar os sistemas americanos⁽⁷⁾. A justificativa dada é que as multinacionais vivem se aproveitando dos subdesenvolvidos, e que a pirataria é uma forma de compensação... Mas o usuário brasileiro, no entanto, continua preferindo os originais, que são melhores⁽⁸⁾⁽¹¹⁾.

Com o pano de fundo acima delineado, nada mais propício para uma cartada internacional contra a Reserva curiosamente bem-vinda por muitos usuários: a ameaça de retaliação comercial contra o Brasil, por parte dos EUA⁽¹³⁾, como forma de pressionar o governo a acabar com a Reserva, e o conseqüente recuo da Política de Informática em vigor⁽⁶⁾.

Tudo isto poderia ter sido evitado se os fabricantes tivessem conseguido cair nas boas graças dos seus consumidores, que afinal são os que decidirão a sorte da Reserva. Mas, ao que tudo indica, a Reserva será mais uma quimera que não deu certo, pois nenhum país consegue se desenvolver apenas com o mercado e a indústria. Sem a terceira perna – a Universidade – qualquer mesa cai no chão⁽³³⁾.

■ Observação:

A pesquisa foi realizada no acervo da Biblioteca da EAESP, sendo que as referências bibliográficas foram organizadas conforme a data de publicação em ordem decrescente.

■ Notas:

- A reserva de informática na prática:
Referências n.ºs.: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 20, 24, 25, 29 e 30.
- Dados sobre a IBM:
Referências n.ºs.: 9 e 17.
- Discussões sobre a reserva de informática:
Referências n.ºs.: 5, 9, 14, 15, 17, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 37 e 38.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ASSISTÊNCIA técnica, o duro confronto. *Exame Informática*, 2 (3): 3-7, 09 mar. 1988.
O padecimento dos usuários de computadores nacionais com uma assistência técnica deficiente e irresponsável.
02. GREGO, Maurício. Quantum é o micro mais rápido do país. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 17 fev. 1988. p. 8-1.
Uma cópia parcial do COMPAQ-386 americano (considerado o Cadillac dos micros) é lança-

da no Brasil, levantando suspeitas quanto à 'nacionalidade' do projeto.

03. POR QUE o micro estrangeiro continua fazendo sucesso. *Exame Informática*, 3 (4):4, 06 abr. 1988.

Baixa produção, impostos, juros altos, inexperiência. E a cara informática brasileira não consegue competir.

04. RODRIGUES, Fernando. Reserva para informática tira competitividade da indústria. *Folha de S. Paulo*, 09 maio 1988. p. A-34.

Como indústrias brasileiras se sentem prejudicadas com a Reserva.

05. AQUINO, Miriam de. Momento de decisão. *Dados e Idéias*, 12 (112):31-5, set. 1987.

O coronel Dytz, grande defensor da reserva quando era secretário da SEI, afirma que é hora de repensar a reserva, "antes que esta seja sepultada por proteger uma indústria de ferro velho".

06. _____ . Novas cartas no intricado jogo da informática. *Dados e Idéias*, 115:22-6, dez. 1987.

Como a SEI cedeu e deixou o Brasil importar o OS/2 da Microsoft, por pressão das próprias indústrias nacionais de informática.

07. CASO Microsoft X Scopus não foi considerado. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 12 ago. 1987. p. B-2.

A Scopus brasileira copiou sem autorização o famoso sistema MS-DOS da Microsoft americana e lançou-o no Brasil sob o nome de SISNE, o que provocou ameaça de processo por pirataria por parte da Microsoft.

08. CHACEL, Cristina. Governo é o primeiro a violar política de informática. *Jornal do Brasil*, 19 abr. 1987. p. 23.

Governo brasileiro prefere software americano em lugar do similar nacional.

09. COMO foi erguido o império dos computadores. *Folha de S. Paulo*, Folha Negócios, 14 out. 1987. p. 1.

História da IBM americana, o terror dos fabricantes nacionais de computadores.

10. FEIRA não exibiu inovações tecnológicas nacionais. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 09 set. 1987. p. B-1.

Na 7ª Feira de Informática não apareceram inovações tecnológicas nacionais, mostrando que os argumentos pró-reserva na prática não estão funcionando.

11. GUIDUGLI, Graziela. Software pirata é brinde de equipamento. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 15 jul. 1987. p. B-1.

Os fabricantes nacionais oferecem cópias piratas de programas americanos, sem pagamento de *copyright*, na compra de seus computadores.

12. MAYRINK, José Maria. À margem da reserva, o contrabando. *O Estado de S. Paulo*, 31 maio 1987. p. 54.

Uma *blitz* para apreender micros contrabandeados causa revolta nos usuários, um dos quais afirma haver "terrorismo de Estado" e acusa a "mafia da informática" (os fabricantes nacionais) de terem pedido essa *blitz* à Polícia Federal porque "não estão mais conseguindo vender sua sucata no Brasil".

13. PAÍS deve recuar na informática. *O Estado de S. Paulo*, 21 nov. 1987. p. 23.

A retaliação americana contra a Reserva; os produtos nacionais ameaçados.

14. PESQUISADOR critica Reserva em Automação Industrial. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 09 set. 1987. p. 8-6.

Cientista da UNICAMP critica a Reserva.

15. PLANIN foi um engodo, afirma ex-secretário da SEI. *O Estado de S. Paulo*, 04 set. 1987. p. 20.

Edison Dytz fala sobre o Plano Nacional de Informática (Lei 7463/86).

16. PRODUTOS "Made in Brazil" by Taiwan. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 12 ago. 1987. p. B-2.

Como os usuários brasileiros se defendem da reserva, adquirindo computadores bons e baratos com aparência de nacionais, mas fabricados na China Nacionalista.

17. UM NOBEL para o salto do supercondutor. *Veja*, 21 out. 1987. p. 60-6.

Mostra como é que se desenvolvem as pesquisas nos laboratórios da IBM, que investe 1,3 bilhão de dólares por ano só em pesquisas básicas, e possui 5 prêmios Nobel e 1.000 cientistas doutores trabalhando em seus laboratórios. É contra essa infra-estrutura que muitos acham que as empresas nacionais poderão competir quando a Reserva terminar...

18. UMA FONTE que deixou de jorrar. *Exame*, (376):66-7, 13 maio 1987.

Os investidores estão pagando menos pelas ações dos fabricantes de computadores.

19. CAMPOS, Roberto. A xenofobia é causa de

desemprego no Brasil. *Folha de S. Paulo*, 13 abr. 1986. p. 42.

Impedir a vinda de empresas multinacionais causa desemprego no Brasil.

20. _____ . Desperdício ameaça estabilidade monetária. *Folha de S. Paulo*, 16 mar. 1986. p. 34.

O furto de tecnologia do Macintosh efetuado pela Unitron.

21. _____ . Mudando de mentiras. *O Estado de S. Paulo*, 18 maio 1986. p. 47.

As mentiras espalhadas pelos defensores da Reserva.

22. CONIN vota sem saber em que votou. *Veja*, 03 set. 1986. p. 110.

Mostra como no governo (SEI) são tomadas as decisões envolvendo a política nacional de informática.

23. CONFUSÃO eletrônica. *Veja*, 16 jul. 1986. p. 96-103.

Muito se fala sobre a Reserva mas pouco se conhece sobre ela.

24. CONSULTORES elegem melhor micro e periférico de 86. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 31 dez. 1986. p. B-1.

Enquete mostra que os melhores micros brasileiros são SID, Scopus e Microtec.

25. O CONTRABANDO que salva. *O Estado de S. Paulo*, 06 ago. 1986. p. 3.

O contrabando contornando as dificuldades impostas pela Reserva.

26. JOB, Gilberto S. G. As falácias da informática. *Jornal do Brasil*, 04 jun. 1986. p. 11.

Três mentiras disseminadas pelo lobby dos fabricantes: 1 - lei votada por unanimidade; 2 - a Reserva é necessária; 3 - reafirma soberania.

27. LÍBERO, Robeli. Estamos engatinhando. *Veja*, 23 jul. 1986. p. 5-8.

Robeli Líbero, Presidente da IBM do Brasil, em entrevista acha que a Reserva pode colocar o Brasil na Idade da Pedra na tecnologia.

28. PORTO, José Rubens Dória. Só cumpri-mos a lei. *Veja*, 17 dez. 1986. p. 5-8.

O titular da SEI defende a Reserva e nega que o órgão que dirige seja autoritário.

29. SCHWARTZ, Gilson. Reserva de mercado na informática. *Folha de S. Paulo*, 20 abr. 1986. p. 44.

Alguns resultados e algumas ressalvas à

Reserva.

30. SETOR terá poucas novidades em 87. *Folha de S. Paulo*, Folha Informática, 31 dez. 1986. p. B-1.

As indústrias não têm muito de novidades a apresentar em 1987, contrariando os argumentos dos defensores da Reserva.

31. BENAKOUCHE, Rabah. *A questão da informática no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1985. 167 p.

Artigos contendo argumentos pró e contra a Reserva.

32. CAMPOS, Roberto. *Além do Cotidiano*. Rio de Janeiro, Record, 1985. 299 p.

Artigos contra a Reserva de Mercado.

33. MATTOS, Antonio C. M. Informática: a perna que falta. *Contato*, Associação de pilotos da VARIG, 18 (139):28, set./out. 1985.

Para que a Reserva desse certo no Brasil seria necessário a existência do tripé mercado - indústrias - universidades. Como, entretanto, estas últimas têm sofrido um processo de destruição nos últimos vinte anos, o tripé fica desbalanceado e a Reserva não pode atingir seus objetivos de independência tecnológica nacional.

34. SETÚBAL, Olavo. *A questão da Reserva de Mercado*. São Paulo, Brasiliense, 1985. 75 p.

Uma lúcida análise da política nacional de informática.

35. MACHLINE, Matias. *Informática, um modelo nacional*. s. n. t.

Exposição apresentada à Câmara Federal.

36. REFLEXÕES sobre a informática brasileira. Rio de Janeiro, ABICOMP, 1984. 83 p.

Argumentos a favor da Reserva.

37. A POLÍTICA nacional de informática: a indústria nacional e o desenvolvimento tecnológico. Rio de Janeiro, ABICOMP/SBC, 1983. 16 p.

Coletânea de argumentos pró-Reserva.

38. MELO, João Carlos. *A incrível política nacional de informática*. s. c. p. Rio de Janeiro, 1982. 196 p.

O autor, criador da SISCO Computadores (que hoje pertence ao grupo Maksoud), conta a história da informática no Brasil e sugere que a Reserva de Mercado brasileira possui inspirações soviéticas. Livro distribuído pelo autor e pelo senador Roberto Campos. □